

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DE  
LEITOR**

**A LEITURA ORAL:  
uma nova visão na proposta dos ciclos na realidade cearense**

**YÊDDA DE AGUIAR FREIRE**

FORTALEZA – CE  
JUNHO-2005

**A LEITURA ORAL:**  
**Uma nova visão na proposta dos ciclos na realidade cearense**

**YEDDA DE AGUIAR FREIRE**

Orientador: Denilson Albano Portacio

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação de Leitura e Formação do Leitor da Universidade Federal do Ceará e ao CETREDE - como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação de Leitor.

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação do Leitor, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Leitura e Formação de Leitor, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

---

Yêdda de Aguiar Freire

---

Prof. Denílson Albano Portacio  
Prof. Orientador

Conceito

-----

Monografia aprovada em 30 de junho de 2005

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, força suprema da condição humana;  
Aos professores pelo profissionalismo e  
dedicação.

Aos colegas pela convivência construtiva do  
saber.

Ao professor Denílson pelo incentivo e  
sugestões dadas para a realização da monografia.

E aos demais, que de alguma forma  
contribuíram para a elaboração desta  
monografia.

*“Ler é construir significados e quanto mais  
lemos, maior rede de sentidos podemos tecer”.*

*Kleiman*

## RESUMO

O trabalho em estudo buscou analisar a leitura oral dentro do contexto do ciclo II na Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Hélio Campos, nas seguintes perspectivas: Como trabalhar a leitura oral? Será um sonho ou realidade na formação de leitores críticos? Onde se objetiva viabilizar mecanismos na busca de resultados satisfatórios dentro desta comunidade carente de conhecimento, já que a maioria dos nossos alunos não teve acesso à educação infantil e conseqüentemente suas famílias encontram dificuldade para estarem próximas da aprendizagem dos mesmos. Segundo dados do SAEB a taxa de alfabetização é importante indicador, pois foi constatado em 2000, que 120 milhões de brasileiros que se consideraram como sabendo ler e escrever pelo menos um bilhete simples, era de 87%, dado este que nos levou a refletir pela leitura oral dentro da realidade desta comunidade escolar. O presente trabalho monográfico tem como base metodológica a pesquisa de campo e bibliográfica com características qualitativas, contendo contribuições de autores que se dedicam ao estudo do assunto pesquisado, dos quais podemos destacar Freire, Castro, Machado, Ferreiro, Smith e outros onde os dados foram obtidos na dinâmica da prática escolar, pelos professores dos alunos observados e pela pesquisadora. O trabalho de coleta de dados foi realizado por meio de entrevistas com professores e pais de alunos e questionários com os alunos da escola pesquisada. Este último instrumento continha questões abertas e fechadas. A observação foi outro instrumento presente em todos os momentos da coleta de dados. Após o trabalho de campo e coletado os dados dentro de um ordenamento e uma classificação própria, a análise foi direcionada para fomentar as recomendações pertinentes sobre a realidade encontrada. Ao final da realização do presente trabalho, verificou-se que não podemos por em dúvida a importância que tem a escola na formação de um leitor crítico. Devemos repensar as ações no ensino de leitura, já que ela é responsável também pela visão de mundo, mostrando a importância da leitura para se chegar a uma educação de qualidade para todos e uma sociedade mais justa.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
SUMÁRIO	ii
RESUMO	iii
INTRODUÇÃO	01
1 CAPÍTULO I –A leitura oral: Uma realidade ou sonho na formação de leitores críticos nas salas de ciclo II, na E.E.F.M.Mons. Hélio Campos?	03
2 CAPÍTULO II – A importância da língua materna na realidade de nossa escola	07
2.1 A Linguagem Oral	08
2.2 A Leitura e o Mundo	09
2.3 A Leitura e a Escola	12
2.4 O sentido da implantação da leitura oral na escola	15
2.4.1 A opinião da Comunidade escolar, professores, pais e alunos	16
2.4.2 Observando a leitura em sala de aula: Procedimentos didáticopedagógico	19
3 CAPÍTULO III – Pesquisa de campo	22
3.1 Cenário	22
3.2 Atores	22
3.3 Instrumentos	22
3.3.1 Observação	23
3.3.2 Questionário	23
3.3.3 Entrevista	23
4 CAPÍTULO IV – Análise e Discussão dos dados	24
4.1 Comentário dos dados colhidos junto aos pais	24
4.2 Comentário dos dados colhidos junto aos professores no momento da entrevista	24
4.3 Comentário dos dados colhidos junto aos alunos no momento da observação	24
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como base metodológica a pesquisa de campo e bibliográfica com características qualitativas, onde os dados foram obtidos na dinâmica da prática escolar, pelo próprio professor dos alunos observados e pela pesquisadora. Esta última procurando ser discreta de forma que sua presença não interferisse no ambiente natural da sala de aula e assim viesse a inibir e modificar o comportamento da turma.

A pesquisa qualitativa em educação apresenta cinco características básicas que configurariam esse tipo de estudo, segundo Bogdan e Biklen (apud Santos, 2001, p. 57):

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos, ricos em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos e outros tipos de documentos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
4. O significado que as pessoas dão as coisas e as suas vidas são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem a hipótese definitiva antes do início dos estudos.

Foi objetivo da pesquisa não fazê-la inócua e estanque. Ao contrário, foi intenção torná-la fonte de conhecimento e de novos questionamentos, gerando assim mais pesquisas para que se busque uma verdade, que embora possa ser efêmera, se venha também a ser perenizada por novos questionamentos e pesquisas.

Como todas as pesquisas, da modalidade qualitativa, o momento inicial constou de uma fase exploratória, enriquecida por interrogações acerca do objetivo pesquisado, dentro dos pressupostos teóricos e metodológicos exigidos por igual trabalho acadêmico.

O trabalho de coleta de dados foi realizado por meio de entrevistas com professores e pais de alunos e questionários com os alunos da escola citada. Este último instrumento continha questões abertas e fechadas.

A observação foi outro instrumento presente em todos os momentos da coleta de dados. Convém salientar que foi feita pesquisa bibliográfica pertinente ao tema a qual serviu de embasamento teórico para o estudo.

Após o trabalho de campo, foi chegado o momento de se fazer a compilação dos dados coletados, dentro de um ordenamento e uma classificação própria para posterior análise propriamente dita dos mesmos com o objetivo de fomentar as recomendações pertinentes sobre a realidade encontrada.

## **CAPÍTULO I – A Leitura Oral: Uma realidade ou sonho na formação de leitores críticos nas salas de ciclo II, na E.E.F.M.Mons. Hélio Campos?**

Eis a questão que tomamos como ponto de partida nesta análise, dentro da proposta da leitura oral no ciclo II, na E.E.F.M.Mons. Hélio Campos.

Na década de 90 a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará introduziu em nossas escolas uma proposta renovadora. Na década de 90, algumas medidas gerenciais e pedagógicas foram implantadas no Estado do Ceará, como alternativa de intervenção na problemática da evasão e reprovação, fatos geradores de exclusão das crianças e jovens da escola, reforçando uma ordem social desigual.

Destacam-se entre elas: O redimensionamento do processo de alfabetização, com o respectivo redimensionamento curricular que vem se construindo com a definição dos referenciais curriculares básicos para cada etapa do ensino, o redimensionamento do processo de avaliação de aprendizagem. A concepção e a implementação desses projetos são consideradas os carros-chefes da organização dos ciclos de formação no cenário educacional do Ceará.

Os ciclos de formação ampliam e fortalecem a reconceptualização pedagógica presente no Projeto Educativo do Estado, visto que defendem a redimensionamento do tempo e do espaço escolar, a flexibilização dos conteúdos escolares, rompendo assim com a fragmentação do conhecimento e, sobretudo, com o caráter classificatório da avaliação que favorece a reprovação e a evasão na escola, contribuindo para a exclusão de crianças e jovens dos ambientes escolares.

A implantação dos ciclos de formação tem respaldo legal na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394 de 20/12/1996) no art. 23, que estabelece “A Educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”.

A proposta da organização do ensino em ciclos é direcionada para a cultura do sucesso escolar que visa a um trabalho de reorganização de todos os espaços educativos da escola e pressupõe uma perfeita interação do conhecimento sistematizado, trabalhado na escola com a realidade sócio-cultural.

Na reconceptualização pedagógica em desenvolvimento através dos ciclos de formação, implementa-se nova visão de homem, sociedade, escola, conhecimento, educação, currículo e aprendizagem.

A escola em questão foi criada neste novo fazer pedagógico, onde envolve também a leitura oral. Daí o questionamento: como trabalhar a leitura oral? Será uma realidade ou sonho na formação de leitores críticos?

Num país em que um grande contingente da população não tem acesso à escrita e outra grande parte tem acesso, mas não é letrada. Qual o papel das nossas escolas? Os livros e as bibliotecas têm servido a quem?

Dados preocupantes que estão no censo demográfico de 1991 a 2000, e que não foge a realidade das nossas escolas. Tais como: “120 milhões de brasileiros que se consideraram como sabendo ler e escrever pelo menos um bilhete simples”.(ANUARIO do IBGE – 2000 p. 37)

Evidente que as crianças vão à escola para aprender a ler e escrever. Mas como amordaçá-las, em estranhas “famílias” silábicas ou em palavras e frases tão diferentes de tudo que ouvem, vêem e falam?

Para Kleiman, a leitura é definida como:

“(…) é um dialogar com o autor, com seu contexto histórico, social e cultural, é preencher os vazios de modo ímpar, utilizando seus ”conhecimentos prévios”.  
(Kleiman – Os significados do letramento – 1995, p. 91).

Como se justifica uma leitura fluente, crítica, onde a educação é realizada de várias formas; na família, na rua, nos grupos sociais e na escola.

Segundo dados do SAEB em 2001 sobre alunos que estão no ensino fundamental, afirma: “(…) Em cada quatro alunos da 4ª Série, três não tem nenhum livro em casa, em seus lares tem pouco material escrito”.(PRADO, Op. Cit. SAEB – 2003, p. 55)

Estes fatos passam a preocupar a todos que fazem a educação, no que diz respeito à leitura oral.

Nós que estamos envolvidos neste processo educacional na busca de uma escola de qualidade, proposta pela nova LDB, elegemos o tema leitura oral, nas salas de ciclo II, por ser a base para um crescimento pessoal e intelectual dos nossos alunos no mundo que vivem.

Com nossa experiência no magistério observamos que a nova proposta da Lei de Diretrizes e Base da Educação deu asas à criatividade do educador, mas a aprendizagem do nosso aluno é lenta.

É realmente imprescindível viver no mundo, sem o hábito da leitura, não só a convencional, mas de toda e qualquer leitura que fazemos a todo instante, diante de tudo o que no cerca.

Se soubermos como profissional trabalharmos de forma coerente, aproveitando do aluno toda a bagagem de um leitor, teremos a chance de formamos leitores críticos.

Por isso, acreditamos que com o prazer de ler podemos modificar esta lentidão no aprendizado dos nossos alunos.

Segundo LAJOLO, a leitura é o principal motivo do crescimento do nosso aluno, quando diz: “(...) a leitura ganha visibilidade no dia-a-dia da escola, (...) a leitura é sempre um meio e nunca um fim”. (LAJOLO, 2003, p. 58 – 59).

Ao lermos textos como esses, contudo, uma pergunta se impõe: como poderá a escola formar o leitor crítico, empreender tal ação cultural se, na prática, consegue ensinar a ler – às vezes sem muito sucesso?

Na sociedade atual, apesar do grande avanço científico e tecnológico, constata-se uma enorme dificuldade em relação ao processo de formação do leitor como base para construção de um indivíduo crítico, reflexivo e criativo, capaz de contribuir para a (re) construção da sociedade em que vive e exercer o seu papel de cidadão.

Partindo da premissa de que para apreender é necessário que a leitura esteja permeando esse caminho, qualquer que seja a natureza da aprendizagem ela essencialmente estará acompanhada por um processo de leitura, que se apresenta de diferentes formas e por diferentes sentidos. Independentemente do sentido (visão, audição, tato, etc) envolvido nesse processo, as relações e interações do homem com a natureza e a cultura implicam em aprendizagem e encontro na leitura a sua essência. Portanto, criar espaços para práticas leitoras interessa enquanto atividades que possibilitam a significação dos diversos textos e a socialização do homem, já que a promoção e motivação da leitura não se restringem à leitura em si, mas sim na leitura como forma de conhecimento e participação político-social.

É preciso situar-se no mundo e interagir com esse mundo de diferentes modos e em diferentes registros.

## **CAPÍTULO II – A importância da língua materna na realidade de nossa escola**

O nosso trabalho tem por objetivo analisar e aprofundar a importância da leitura oral, dentro da realidade do ciclo II, na proposta da escola E.E.F.M. Monsenhor Hélio Campos, com o propósito de reverter os baixos índices nos resultados apresentados, e favorecer positivamente o compromisso firmado com esta comunidade.

A leitura no cotidiano dos ciclos II vem sendo analisada e questionada diante dos inúmeros resultados negativos encontrados na educação, destaca-se o insucesso na formação de usuários da leitura e escrita, pondo em questão o papel do professor na unidade escolar.

Embora hoje em dia pesquisadores e professores reconheçam na leitura seu papel de instrumento fundamental de aprendizagem, sabe-se que é raro que desse aprendizado os alunos venham a descobrir o prazer de ler.

No entanto, num enfoque amplo do ensino da leitura, o ensinar a ler para aprender deve vir acompanhado do ensinar a ler para ler.

É importante que os alunos aprendam que a leitura também é um instrumento para o ócio e a diversão, uma ferramenta lúdica que nos permite explorar mundos diferentes dos nossos, reais ou imaginários, que nos aproximam de outras pessoas e de suas idéias, que nos convertem em exploradores de um universo que construímos com nossa imaginação.

Em todos os níveis de escolaridade deve haver tempo e espaço programados para ler por ler, ler para si mesmo, sem outra finalidade que a de sentir o prazer de ler. Fomentar o prazer da leitura não é algo independente de ensinar a ler.

Ser capaz de ler é também saber caminhar pelas trilhas imaginárias das bibliotecas do mundo inteiro, é conhecer as afinidades entre os estilos e os escritores, é principalmente, ter informações acerca das obras e seus autores.

A linguagem para os seres humanos não só reside nas possibilidades de comunicação que encerra. Ela dá suporte também a realizarmos diferentes operações intelectuais, organizando o pensamento, possibilitando o planejamento das ações e apoiando a memória.

Para Machado uma das maiores autoras da literatura infanto-juvenil do Brasil e grande incentivadora das futuras gerações de leitores, ela acredita:

“Dois fatores levam uma criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso, é fundamental o adulto mostrar interesse (...). É preciso ensinar a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado.”  
(MACHADO, Nova escola, 2002; p.9, nº 153.)

Essa reflexão é fundamental para a expansão da capacidade de produzir e interpretar textos, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se nas atividades como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção lingüística.

Paulo Freire, em suas discussões sobre a leitura, diz: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.(FREIRE, Paulo, 1986, p.11 – 3)

Daí os diversos tipos de questionamentos ao compreendermos e lermos o mundo buscando decifrá-lo e dar-lhe sentido a leitura da vida e do mundo.

## **2.1 A linguagem Oral**

A linguagem oral é o meio lingüístico primordial dos seres humanos, mesmo depois de nos alfabetizarmos e usarmos a leitura e escrita cotidianamente, continuamos a usar a linguagem oral para realizar maior parte dos atos.

Não apenas a escola tem se preocupado com o desenvolvimento da capacidade de ler com proficiência.

O INEP/MEC contratou uma clínica internacional para testar a competência em leitura de nossos alunos tanto da escola pública como da escola particular e foi constatado:

“(...) índice da leitura é muito baixo em comparação com o de outros países (1% em vez dos 6 % da coréia e dos 13 % dos EUA).” (CASTRO, Revista Veja, 2002; p. 86)

Essa preocupação está expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais evidenciando o cuidado com o desenvolvimento da compreensão e produção de textos.

A partir do momento que a leitura toma um rumo significativo no espaço escolar, as crianças vão adquirindo noções de espaço social onde cada um exerce um papel em função do bem comum como respeito as diferenças é, uma forma de exercer a cidadania nesta sociedade tão injusta.

Segundo a revista do professor, em um de seus artigos, encontramos uma citação que relata a injustiça social que muitas de nossas crianças sofrem:

“(...) grande maioria dos nossos alunos não teve acesso à educação infantil, ao mesmo tempo em que a família tem pouca oportunidade para estar próxima das aprendizagens de seus filhos, já que precisa lutar pela sobrevivência da mesma.” (Revista do Professor, 2002 p. 18)

Acreditamos que as pessoas analfabetas ou pouco escolarizadas possuem uma bagagem cultural fruto de suas experiências de vida e têm um excepcional domínio da expressão oral.

Atualmente a linguagem oral possui uma natureza mais flexível e dinâmica que a escrita, acolhe a diversidade possibilitando ao uso da fala em diferentes situações e intenções comunicativas.

O Professor deve planejar estratégias a respeito da linguagem oral, proporcionando os seguintes papéis: desinibir, perguntar, comentar e sugerir do que propriamente corrigir.

Para MACHADO a literatura exerce um papel formativo na vida da criança quando ela afirma:

“(…) Ela permite sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação viver outras vidas, conhecer outras civilizações além de dá acesso a uma parte da humanidade.” (MACHADO, Revista Nova Escola 2002 p. 10 Nº 153)

## **2.2 A leitura e o Mundo**

A partir do momento que nascemos começamos a fazer parte de agrupamentos, que nos levam a aprendizagem do mundo em nossa volta.

O ler, destina-se fundamentalmente para a aquisição dos conhecimentos, buscando respostas para nossas perguntas, como para a leitura da vida e do mundo.

A leitura pode ser vista como um instrumento que serve ao desenvolvimento da plenitude do homem e não como uma arma de dominação e adaptação.

A nossa habilidade com a linguagem ocorre inegavelmente desde os problemas biológicos ou neurofisiológicos.

Segundo Cagliari, um grande observador do homem em quanto educador, faz a seguinte citação:

“Qualquer criança que ingressa na escola aprende a falar e a entender a linguagem sem necessitar de treinamentos específicos ou de prontidão para isso, (...) Ninguém precisou arranjar a linguagem em ordem, (...) ninguém disse que ela devia fazer exercícios (...) ela simplesmente se encontrou no meio de pessoas que falavam e aprendeu”.(CAGLIARI, 1990 p. 26)

Na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais o primeiro ciclo deve levar o aluno a ler, interpretar e representar como também fazer exposição oral com ajuda de um texto, adequando o discurso ao conhecimento prévio de quem o ouve e a situação formal da comunicação.

Da mesma forma que a criança aprende a falar, no seu convívio com pessoas, da mesma maneira deve acontecer a leitura, de forma simples, encarada como um processo e atendendo prioritariamente as condições em que o aluno se encontra.

Para Ferreiro, em uma citação na revista escola, ela questiona a alfabetização de hoje e diz:

“(considero a alfabetização não um estado, mas, um processo. (...) Não aceito discutir alfabetização hoje nos termos que se discutia nos anos 1920 (...) a tradição fônica sempre foi dominante nos países anglo-saxões. E lá se aprende a ler antes de escrever. (...) fazer voluntariamente certas operações com a oralidade não são espontâneas” (FERREIRO, Nova Escola 2003 Nº 162 p. 28)

Conforme a citação de Emilia Ferreiro é notório nas unidades escolares, por parte dos professores, no que se refere a implantação das salas de ciclo, onde os educadores afirmam em sua maioria que há um aumento bem considerável de alunos que estão com dificuldades no processo da aprendizagem da leitura. Tal fato sempre existiu, no entanto, tem aumentado, consideravelmente.

Daí a necessidade da SEDUC oferecer cursos de capacitação para professores que atuam em salas de ciclo (alfabetização). Não sabemos aonde está o problema. Mas, sabemos que tal situação não pode mais existir. Temos a consciência, que na escola, devemos usar todos os meios para solucionar tal problema. E, como princípio básico, o educador deve ser trabalhado a tal situação a atuar de forma eficaz e segura, usando os meios disponíveis de maneira a solucionar tal dificuldade no processo da aprendizagem da leitura.

Para a consecução desse intento entendemos ser necessário que o educador tenha clara compreensão do processo de leitura, numa perspectiva processual, a leitura é uma busca de significado.

Tudo isto demonstra que somos leitores e que os textos têm diferentes usos sociais. Citamos a seguir, afirmações definindo leitura.

Segundo Solé, em um dos seus livros afirma que a leitura se define:

(...) a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam sua leitura” (SOLÉ, 1998 p. 98)

Segundo Ângelo ler é: “Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura” (ÂNGELO, 1981, p.10)

A própria definição de leitura sobre distorções agudas, sendo confundida com o processo de alfabetização e comunicação, de codificações de sinais gráficos, tradução de símbolos escritos em símbolos orais, aprendizagem de normas gramaticais, identificação de estilos literários, confecção de fichas padronizadas de compreensão e outras atividades. Partindo de uma concepção de leitura como produção de sentidos, tendo como fundamento o conhecimento que o leitor tem da linguagem e do mundo, a sistematização da leitura passa a

ser uma parte importante de um processo mais amplo, que envolve as múltiplas possibilidades de leitura produzidas por diferentes sujeitos, com diferentes objetivos e conhecimentos prévios, diante de diferentes tipos de texto e em ambientes sócio-culturais diversificados.

### 2.3 A Leitura e a Escola

A nossa habilidade com a linguagem ocorre inegavelmente antes da nossa relação com a escola. O primeiro contato com ela acontece na família, no bairro para só depois entrar em contato com a escola.

Sua aprimoração se dá dentro do contexto escolar. A sala de aula é onde se observa os problemas ligados a linguagem. Até porque lidamos com profissionais preparados para isso. Aqui ela não acontece de qualquer forma, mas também não se pode esquecer o que o aluno já trás, no que se refere a sua bagagem.

A dificuldade com a leitura, não está necessariamente na aquisição e domínio de um sistema de notação e de transformação do oral, mas na maneira como se fala, competência cultural ligada ao mundo sócio-econômico-político.

Pensar a leitura significa repensar as questões do gosto, da obrigatoriedade, a previsibilidade e necessidade de ver a leitura como atividade auxiliar da escrita.

Muitos dos professores e alunos vêem a leitura como algo muito difícil de se conquistar e isso a torna um tormento, levando o desprazer pelo ler e conseqüentemente pelos livros.

Para Machado, ela acredita que a escola deve estimular o hábito da leitura, tornando a prazerosa e com grande valor na assimilação de conhecimento e amplitude de vida. Com isso ela afirma que:

“(...) o peso da escola é muito maior aqui do que nos países mais desenvolvidos, onde as pessoas lêem mais. Como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa (...) acabaremos condenando as futuras gerações a também não ler. A escola tem de entrar para quebrar esse ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente leitor.” (MACHADO, 2002 p. 154)

Precisamos estar atentos ao fato de que na escola estamos lendo o tempo todo e não apenas nos momentos especialmente reservados para isso.

Sugerimos como professores que somos, um tempo diário para a leitura de professores e alunos, sem cobranças, por fruição e prazer.

Machado relata como despertar o gosto pela leitura:

“(...) Eu sempre trabalhei como muita paixão, sem medo da leitura (...) sempre busquei linguagens e temas variados, para atingir todos: uma carta, uma dissertação, por meio de uma imagem, de uma situação diferente, de uma peripécia do enredo é um elemento fundamental em toda arte. Uma história que não surpreende provavelmente tem uma qualidade muito baixa. (...) sempre tive uma paixão pela linguagem, gosto de brincar com as palavras, ler nas estrelinhas”. (MACHADO, Revista Nova Escola. 2002 p. 154)

Lemos quando buscamos uma informação, a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. E, a verdadeira leitura acontece quando somos capazes de entender o que lemos e não só decifrar palavras. Precisamos saber e entender principalmente o que lemos, com uma visão crítica.

Nos períodos iniciais da escolaridade todas as atividades de leitura devem ser compreensivas, e ao longo da vida escolar, tal compreensão deve se fazer presente atuando como uma leitura transformadora na vida daquele que ler.

Para SMITH, há dois requisitos básicos para a aquisição da leitura como:

“(…) para o domínio da leitura compreensiva é necessário: a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como um guia”. (SMITH, 1999 p.12)

Ler, segundo Smith, não é exclusivamente uma atividade visual. Ler põe em jogo dois modos de informação: um que se acha diante do globo ocular, sobre a página impressa, e que Smith chama de informação visual, e a outra situada detrás do globo ocular, no cérebro, e que ele chama de informação não visual. A informação não visual é o que nós sabemos sobre a leitura, sobre a linguagem sobre o mundo em geral.

As produções teóricas de Emilia Ferreiro, Vygotsky, Piaget, entre outros, suscitam novas interrogações no fazer pedagógico, cabendo ao profissional da educação construí-lo, cotidianamente;

Enquête realizada pelos professores mostrou que os pais dos alunos lêem pouco, dificultando assim resultados satisfatórios.

Segundo Meireles em citação na revista Nova Escola, diz:

“(…) É o professor que tem a incumbência valiosa dessa outra educação, a do relacionamento público (...) de quebrar a redoma familiar, inserindo o aluno na sociedade ao estimular-lhe o poder vital e a capacidade de evolução”. (MEIRELES, 2002 p. 37)

Na educação escolar, precisa-se de pessoas que sejam competentes não só nas áreas de conhecimento das ciências para repassar conteúdo aos alunos, mas também que saiba interagir de forma mais rica, profunda, vivencial, facilitando a compreensão e a prática de formas autênticas de viver, de sentir, de se comunicar.

Ao educar facilita-se, num clima de confiança, interações pessoais e grupais que ultrapassam o conteúdo para, através dele, ajudar a construir um referencial rico de conhecimento, de emoções e de práticas.

Assim, as mudanças dependem, em primeiro lugar, de educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar.

Outros pontos entram em debate nesta pesquisa, como: Como trabalhar a leitura de forma prazerosa? Como tornar o hábito de ler significativo na vida de cada aprendiz? Se os alunos continuam no processo de alfabetização por todo período exigido pelo ensino em ciclo II.

Neste ponto encontramos muitos profissionais na área de educação se questionando se realmente há esse tempo todo para o processo de alfabetização, visto que nossos alunos têm chegado a 4ª série (ciclo II) sem ler convencionalmente, e sem escrever. E certo que o trabalho é longo, daí porque dissermos que a leitura é um processo. Mas, o fato de nosso aluno não ter acesso a Educação Infantil vem influenciando, fortemente em tal defasagem na leitura, bem como outros fatores.

Entra em questão a prática profissional no que se refere à autonomia. Observamos que os educadores têm poder de resultados, sem esquecer que todo favorecimento da qualidade do ensino precisa do aluno, da família e da comunidade escolar para atingir a qualidade do ensino desejado.

Não podemos deixar de citar a falta de escolaridade dos pais, que não deixa de ser um entravo no processo de aprendizagem do alunado, dentro do contexto da leitura oral.

Sabe-se que o objetivo principal no processo de formação do aluno, é atingir a qualidade necessária para que o mesmo possa atuar em seu meio independentemente, muitas vezes este processo é frustrado por ações não resolvidas pelo grupo gestor das Escolas por falta de subsídios e ética, fugindo a memória que a escola tem como objetivo principal o aluno, que é nossa matéria prima e às vezes esquecido, deixando o educador utilizar métodos alternativos para atingir objetivos propostos no seu planejamento diário.

É necessário sermos agentes transformadores, buscando o conhecimento e o desenvolvimento da auto-estima dos nossos alunos, melhorando o ensino em ciclo e a imagem do papel do educador.

O índice de aproveitamento do ensino em ciclo é mínimo e não foge os dados do censo de 2000, que revela:

(...) 41% dos estudantes cursam a série errada no Brasil. O levantamento feito pelo ministério da Educação aponta queda no índice de evasão escolar e (...) a qualidade do ensino é insatisfatório. (Dados retirados do Jornal O Povo, junho, 2000)

Diante destas informações, acreditamos que as mudanças na leitura nas salas de ciclo II podem surgir em passos lentos em âmbito individual e coletivo.

Precisando despertar o espírito de união, coletividade, cooperativismo para que haja um crescimento qualitativo na real função do ensino em ciclo dentro dos princípios da unidade escolar e da identidade do educador.

## **2.4 O Sentido da Implantação da Leitura Oral na Escola**

Em 1992, as escolas estaduais do Ceará passaram por um processo de análise com a proposta curricular apresentado pela secretária de Educação Básica do Ceará.

A escola em estudo é envolvida neste processo.

Em 1996, a secretária de educação do Estado do Ceará, retoma o processo de análise, na perspectiva de um rendimento curricular baseado na proposta dos Referenciais Curriculares Básicos, na busca de uma educação de qualidade.

Neste momento, os docentes redimensionaram o ensino em ciclo, com os seguintes objetivos: para a leitura oral: formar critérios para selecionar leituras, explorar diferentes modalidades de leitura, produzir textos, identificar elementos não-verbais e manter um ponto de vista coerente ao longo de um debate ou uma apresentação.

Dentro desta proposta dos ciclos, é questionado: como deseja-se chegar uma qualidade de ensino? Como avaliar a leitura oral? Diante do presente documento: “(...) não há reprovação dentro dos ciclos (...) avaliação ultrapassa a competição (...) não haverá nota na interpretação da aprendizagem do aluno (...)” (RCB, p. 14)

Como se justifica o novo fazer pedagógico sem esquecer as condições sociais e a grande produção de analfabetos em escala considerada dentro da realidade nacional que conseqüentemente poucos participam das decisões dentro da escola.

Vale questionar dentro do documento apresentado: Qual o sentido dos resultados nivelados, se nós vivemos em suma sociedade competitiva e globalizada?

Estes e outros fatores deixam interrogações no que corresponde ao corpo discente e docente da E.E.F.M. Monsenhor Hélio Campos, onde esperam qualidade satisfatória na nova política educacional do Ceará e na comunidade escolar observada.

#### 2.4.1 A opinião da Comunidade escolar, professores, pais e alunos.

Os resultados apresentados nesta pesquisa mostram o perfil do ensino no ciclo II, com relação à leitura oral, o poder do professor em serviço do magistério e os fatores que interferem no processo de aprendizagem da comunidade em estudo.

Os pais e educadores foram abordados a respeito da problemática da leitura oral, na realidade do ciclo II, ofereceram respostas por meios de conceitos e definições dos cinco professores e cinco pais entrevistados. Consideraram o rendimento do conteúdo em questão regular.

Observamos que a prática da leitura em sala de aula precisa ser questionada por todos que fazem está comunidade escolar, principalmente, os educadores que tem demonstrado dedicação, criatividade, reciclagem em curso e ainda não atingiram um resultado significativo dentro da realidade do ciclo II:

Segundo, uma docente da escola entrevistada, ela se diz obrigada a sair do sistema de seriação para nova proposta onde visa uma educação de qualidade e relata:

“Fui obrigado à atuar neste sistema imposto pela Secretária de Educação do Ceará, onde os professores estão sendo treinados em pequena proporção pelo PROFA. E, vejo também (...) nem os pais compreendem e nem aceitam esta proposta”.

Nós educadores temos que dar uma resposta satisfatória à comunidade no que diz respeito à leitura oral, usando recursos alternativos e atividades proposta pelo PROFA.

Vale ressaltar que atualmente os professores participam do PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), promovido pelo ministério da Educação com o propósito de renovar a sua metodologia.

Os educadores da escola em sua maioria acreditam que as dificuldades no processo de leitura oral apresentado nesta unidade escolar estão diretamente ligados ao seguinte fato:

(...)A convivência no espaço e com a cultura escolar não é nada fácil para estas crianças acostumadas à liberdade das ruas e “evadidas” das escolas buscando caminhos para atraí-los todos os dias a mesma”.

Analisando as falas podemos chegar a um consenso que as mudanças precisam também acontecer lá fora, dentro do berço de suas famílias.

Estes fatos refletem direto nas salas de aula, professores demonstram bem isso, quando dizem:

“O trabalho de sala de aula não é fácil ou tranquilo, devido o fato de viverem em condições precárias, sem limite e na impunidade. Falta apoio das famílias. Famílias duplamente analfabetas. Diversidade na experiência de vidas e realidades. Prostituição infantil. A escola não consegue resolver todos os problemas, ela tem limites.”

O Profissional da educação caracterizado pela sua dedicação prestada aos seus alunos, quando abordado sobre a atuação da leitura em sala de aula chega a acreditar que: “Pensar em leitura significa repensar as questões do gosto, da obrigatoriedade, da previsibilidade e necessidade de avaliação escrita da crença de que a leitura é atividade auxiliar a escrita”

Sem esquecer que o material didático, muitas vezes não supre a carência de todos os alunos, dentro da unidade escolar.

Segundo alguns professores os materiais de sala são construídos pelo próprio educador, como: “Tampinhas com letra; Alfabeto móvel; Jogos de letras e palavras; Cantinho da leitura; Cartaz de prega; Revista; Jornais etc...”

Percebemos que o profissional desta escola, em relação ao poder de ação tem uma visão crítica, mas quando estes foram abordados quanto ao nível de seu exercício na instituição onde trabalham, responderam: “O professor não é valorizado. Faltam objetivos exclusivos para o crescimento intelectual e o progresso na unidade escolar”

Diante das dificuldades de realização de um trabalho comprometido no conteúdo da leitura oral, nas salas de ciclos II e os problemas encontrados neste sistema de ensino, conversamos com os alunos e obtivemos um quadro de resposta, onde selecionamos as que merecem destaque neste estudo:

“Nem todos os alunos tem o mesmo livro na sala e o dever é igual para todos. Os alunos não saem da mesma série. Leio pouco, quase nada. O professor passa muito dever com leitura, as vezes falta paciência. Não gosto de estudar. Prefiro brincar e vê televisão.”

As falas revelam que a auto-estima dos nossos alunos é muito baixa, é preciso um atrativo maior para prender sua atenção nas salas de ciclo II.

Na opinião de alguns professores que atuam nos ciclos, quando se refere a aprendizagem dos conteúdos da leitura oral, os mesmos dão sua contribuição quando relatam: “(...) Os alunos não conseguem acompanhar e nem competir em concursos ou cursos, o ensino em ciclo foi o fim da educação no Ceará”.

Os pais tentam entender a aprendizagem de seus filhos e não conseguem entender o novo modelo de escola que prega a qualidade em muitos aspectos, como por exemplo: não decorar famílias silábicas, não fazer ditado de palavra, não copiar várias vezes os erros dados nas tarefas, ir para biblioteca sem saber ler. Selecionamos algumas falas significativas da pesquisa, como: “(...) é um ensino muito fraco”. Meu filho sabe ler mais ou menos. A aprendizagem é mínima e a matéria é repetida. Sou mais o sistema antigo”.

Analisando as falas podemos constatar que o trabalho com a leitura nos ciclos II precisam ser repensado, pois os alunos necessitam trabalhar a leitura de forma prazerosa.

Não podemos esquecer o que um das maiores autoras infanto-juvenil do Brasil diz, como:

“Ler é gostoso demais, ninguém é obrigado a gostar de cara.. (...) No caso da criança dois fatores contribuem para esse interesse: curiosidade e exemplo” (MACHADO, Revista Nova Escola, 2002; p. 20)

Diante de tantos questionamentos e polêmicas em cima da realidade da leitura acreditamos em mudanças de atitudes para novas ações, já que a leitura tem o papel de resgatar fantasias, o universo lúdico, à medida que traz para o espaço pedagógico os elementos necessários para que os alunos possam vivenciar as suas relações cotidianas através dos personagens, construindo assim novos processos de relações sociais, nos diferentes aspectos de tempo e espaço.

## 2.4.2 Observando a leitura em sala de aula: Procedimentos didático-pedagógico

A escola é o lugar por excelência onde acontece as transformações. A sala de aula é o laboratório vivo, onde se instrui e “ensina” com expectativas dentro de um espaço novo, uma forma de desenvolver a curiosidade pelo aprender.

O procedimento didático-pedagógico é fundamental no dia-à-dia de uma sala de aula para se chegar a resultados, fizemos indagações aos mesmos profissionais da pesquisa. Como eles definem estas ações na sua realidade diária: “muitas dificuldades, material didático e recursos insuficientes. Nível do aluno é muito fraco. Aprendizagem regular. Leitura em fase inicial”.

Na Filosofia de Machado, precisa-se criar condições, em sua contribuição, ela diz: “É preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado” (MACHADO, Nova Escola, 2002)

O relacionamento professor e aluno é uma questão que favorece o processo ensino-aprendizagem. Na escola em estudo os professores, disseram:

“O relacionamento professor e aluno é satisfatório, a ponto de entender as diferenças e dificuldades para o aluno que já entra no primeiro ciclo sem passar por alfabetização ou pré-escola, já chegando ao segundo ciclo com um déficit muito grande na leitura”

As professoras, que responderam a pesquisa, acreditam na falta de algo, para atingir o intelecto da leitura, quando dizem: “(...) Não é porque os processos de alfabetização e de letramento são diferente. O ideal é alfabetizar letrando”

Mas não podemos alimentar a idéia de que filhos de pais analfabetos ou que não possuem material de leitura em casa não tem condições de aprender.

É importante analisar estes estudos para inverter o processo de leitura, enriquecer e nivelar o aluno ao seu grau de conhecimento nos estudos da leitura oral.

Dentro da realidade desta unidade escolar, professores relatam sobre avaliação que é proposto no ensino em ciclo, quando dizem: “Todas as atividades realizadas em sala de aula, é uma forma de avaliar empenho e interesse dia-a-dia”

Não podemos formar bons leitores se eles não têm um contato íntimo com os textos, para cativar a turma, um bom livro inicia o processo de leitura.

Mizukami faz citação do pensamento de Freire, e define da seguinte maneira a avaliação nos conteúdos de leitura, quando diz: “A avaliação é a prática educativa, e não de um pedaço dela” (MIZUKAMI, citação de Freire 1986: p. 102)

As avaliações mostram que os alunos aprendem mais quando convivem com os livros na escola, descobrem mundo, se divertem e enriquecem seu conhecimento.

Pesquisas educacionais com base nos resultados de 300 mil estudantes no Sistema Nacional de avaliação da Educação Básica (SAEB) revela: “(...) Um desempenho quase 20% superior nos colégios em que mais de 75% dos alunos manipulam e lêem regularmente as obras das estantes”

Araújo, diretor de avaliação do ministério da educação afirma:

“(...) Infelizmente ainda se contam aos milhares as “ilhas sem tesouro” em nosso país. Das 172 mil escolas de Ensino Fundamental, apenas 46 mil contam com biblioteca ou sala de Leitura” (ARAÚJO, Revista Escola 2003, p. 55)

Educadores acreditam nos potenciais da biblioteca e relatam:

“É um contato importante da criança com a biblioteca, já que em seu lar não tem nenhum livro. A leitura oral é seu primeiro contato com o mundo das letras e do imaginário. A biblioteca precisa ser mais visitada. O professor é o primeiro leitor para esses meninos e meninas”

Para diretora do Departamento de política para o Ensino Fundamental do MEC, anuncia novidades, quando afirma:

“(...) da criação de um instrumento de apoio para professor trabalhar os livros em aula além de dicas sobre organização de um espaço de leitura e relato de experiências” (LODI, Revista Nova Escola 2003 p. 55)

Segundo os PCN's o acervo da biblioteca tem que ser variados e a missão do educador é formar os leitores do futuro.

Para Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, quanto aos livros que é fundamental no dia-a-dia das nossas salas, afirma: “Um bom livro lido é o melhor adubo para formar frutos leitores” (LAJOLO, Revista Nova Escola, Nº 162, 2003 p. 59)

## CAPÍTULO III – Pesquisa de Campo

### 3.1. Cenário

A E.E.F.M. Monsenhor Hélio Campos foi fundada em 30 de novembro de 1966 visando prestar serviços educacionais às comunidades do bairro do Pirambu e adjacências. A referida escola está situada na Av. Monsenhor Helio Campos no bairro Pirambu, é uma escola pertencente a rede pública de ensino fundamental do município de Fortaleza. Atualmente todos que fazem a escola esforçam-se em torná-la cada vez mais prazerosa. Possui 14 (quatorze) salas de aula, 02 (duas) salas de uso administrativo, uma quadra esportiva numa área de 1.432,59 m<sup>2</sup> encravado numa região de periferia da cidade de Fortaleza, carente de recursos que possam oferecer meios de socialização e lazer para as crianças e adolescentes do bairro. A escola tem 1.125 (mil e cento e vinte e cinco) alunos matriculados. Deste total, 879 (oitocentos e setenta e nove) alunos são do ensino fundamental e 246 (duzentos e quarenta e seis) são alunos de cursos noturno TAM (Tempo de Avançar Médio) e TAF(Tempo de Avançar Fundamental). Conta com a direção democrática das professoras Inês Banhos, Ivone Oliveira e Maria José Fontenele. Além dessas educadoras, a escola conta também com o compromisso e dedicação do secretário Jeú Sena.

### 3.2. Atores

O trabalho de pesquisa foi realizado com pais, professores e com alunos das turmas do Ciclo II, no turno matutino.

### 3.3. Instrumentos

A pesquisa, devido o tema e o público proposto, teve como instrumental de coleta de dados a observação, o questionário e a entrevista de maneira a dar maior subsídio a fim de fundamentar melhor as análises feitas posteriormente.

### 3.3.1. Observações

A observação enquanto instrumento de pesquisa do trabalho monográfico, se fez presente em todos os momentos. No início, com a coleta de dados e leitura dos mesmos. Posteriormente com a elaboração do trabalho, o que veio a dar mais veracidade, visto que a observação é mais um modo de se adquirir os conhecimentos diretamente do universo estudado, sem que haja qualquer intermediação de fatores que pudessem mascarar a realidade descortinada no seu cotidiano. Por ocasião das atividades de leitura solicitadas pelos professores para os alunos em sala de aula e na biblioteca escolar foi possível observar atividades descoladas da realidade social e sim atividades destinadas a decodificação do código escrito que não possibilita a formação de um aluno leitor.

### 3.3.2. Questionários

O questionário constitui uma das importantes e eficientes técnicas disponíveis para a mensuração de dados em pesquisas sociais.

A utilização dos instrumentos como questionários, entrevistas e observações no momento da pesquisa, tornou possível obter um maior conhecimento da Escola Monsenhor Hélio Campos, de maneira especial no que concerne ao problema da leitura oral dentro do contexto do Ciclo II. Desta forma espera-se poder colaborar com o processo de aprendizagem e socialização do aluno, bem como ajudar o professor a trabalhar melhor a leitura oral e assim contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na busca de uma escola melhor.

### 3.3.3. Entrevistas

A entrevista veio como um apoio e complemento das observações dos questionários, objetivando enriquecer o trabalho com dados que nos possibilitassem maiores informações acerca dos atores da pesquisa.

Escolher essa técnica de coleta de dados, para aplicar com os professores, anexos 1 (um) e junto aos pais, anexo 2 (dois) e anexo 3 (três) junto aos alunos.

## CAPÍTULO IV – Análise e Discussão dos Dados

A análise e discussão de dados passam pelo estudo da leitura oral realizada na sala do Ciclo II, seguindo da discussão da melhor maneira possível de intervir nas situações em que a leitura oral se realiza.

### **4.1. Comentário dos dados colhidos junto aos pais**

Observamos que uma grande parte dos pais dos alunos delega a escola toda a formação leitora de seus filhos, por não dominarem o código da escrita, encontrando assim, dificuldades em acompanhar e colaborar na formação leitora dos mesmos.

### **4.2. Comentário dos dados colhidos junto às professoras no momento de entrevista.**

Notamos que a leitura oral ainda permanece como uma atividade direcionada para avaliar resultados. Identificando-se despreparo da ação docente para ajudar o aluno no processo de formação de leitor crítico.

### **4.3. Comentário dos dados colhido junto aos alunos no momento da observação**

Os alunos demonstraram que são frutos de um trabalho escolar que predomina apenas o ato de ler sem entender o contexto. O trabalho de construção do leitor crítico ainda não foi experimentado, ficando claro que as políticas impostas para a formação do leitor crítico ainda não atingiram o seu principal beneficiário, o aluno. O máximo que conseguiram assimilar foi a decodificação de textos, mostrando a atual realidade dos conhecimentos adquiridos nas salas observadas.

## CONCLUSÃO

A proposta de leitura na escola em estudo não traz em seu contexto nada de novo, alunos apresentam uma prática não satisfatória em seus resultados na realidade do ciclo II, onde demonstram uma contínua alfabetização, que recai unicamente sobre a escola, já que os pais têm em seu contexto social, baixo índice de alfabetização, carência financeira e afetiva, entraves que interfere nos avanços significativos desta organização de ensino.

Na verdade as propostas dos ciclos camuflam reprovações e não resolvem o real problema da aprendizagem.

A qualidade das nossas Escolas Públicas, em sua maioria não correspondem aos desafios da globalização, o que estamos formando na verdade são sub-cidadãos sem autonomia.

O Fracasso parece premeditado, mas devemos repensar todas ações no ensino da leitura, já que ela é a responsável por toda visão de mundo, criando em seu espaço um ambiente leitor, desde que isso seja feito com prazer, trazendo para as salas curiosidade e exemplos, mostrando a importância da linguagem e reafirmando que o livro é um amigo e está sempre ao nosso lado. Não podemos por em dúvida a qualidade de nossas escolas.

Através das entrevistas e observações é possível notar uma melhora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Hélio Campos, em parte fruto de novos professores concursados, programas de capacitação continuada que deram uma nova dinâmica na escola, além do próprio preenchimento de carência de professores que tanto debilitava a formação dos alunos, uma vez que os novos professores demonstram mais otimismo e os alunos confiantes que não vai mais haver mudanças de professores apresentando um elo afetivo entre professor e aluno.

Apesar desse avanço vivenciado, não significa que a escola tenha equacionado os seus problemas. Pelo contrário, o momento permitiu que a escola e a comunidade pudessem fazer um descortinamento de antigas práticas de leitura oral que, segundo opinião dos próprios professores, afeta todo o rendimento escolar dos alunos.

O fato é que não podemos mais ter um conceito de leitura oral literalmente, sem levar em conta as muitas finalidades que a mesma tem, que no momento de uma intervenção pedagógica requer meio diverso dos normalmente usados.

O ponto fundamental do trabalho passa pela conscientização do grupo gestor da escola e dos professores que a leitura oral não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que o aluno possa dar sentido aquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

Finalizando, propomos alguns lembretes para que cada professor possa realizar um bom trabalho com seus alunos em relação à leitura oral:

O papel do professor é distinguir situações em que “se trabalha” a leitura e situações em que simplesmente “se lê”. Nas escolas, ambas deveriam estar presentes, pois ambas são importantes, além disso, a leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite e não apenas para avaliar o resultado da leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anuário do IBGE – **Censo Demográfico 2000**, resultados do Universo – Ensino Fundamental p. 37 – 42.

ARAÚJO, Carlos Henrique. **Biblioteca Tesouro a Explorar**. Revista Nova Escola, Nº 162, p. 55, 2003.

**CASTRO, Cláudia de Moura**, Revista Veja, **Março, 2002**,  
**Editora Abril p. 86.**

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**. 12ª edição. São Paulo

Jornal O Povo. Junho, 2003, p. 14 (RCB, p. 14)

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: Uma Nova Perspectiva Sobre a Prática Social da Escrita – Campinas, SP: Mercado de letras, 1995, p.91.

LAIJOLA, Marisa, **Nova Escola**, Nº 162, 2003, p. 59.

LODI, Lúcia. **Biblioteca, Tesouro a Explorar**. Revista Nova Escola, Nº 162, p. 55, 2003.

**MACHADO, Ana Maria**, **Revista Nova Escola, 2002: 9 Nº**  
**153 – 1941. São Paulo.**

MIZUKAMI, Maria da Graças Nicoletti. **Ensino as Abordagens do Processo**: Temas Básicos de Educação e Ensino.

PRADO, Ricardo. **Biblioteca tesouro a explorar**. Revista Nova Escola, citação do SAEB — 2003; p. 55.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre – RS. Artes médicas 1989, p. 125.

## **A N E X O S**

Anexo A – Questionário aplicado nº 1

Entrevista com os professores

Anexo B – Questionário aplicado nº 2

Entrevista com os pais

Anexo C – Questionário aplicado nº 3

Entrevista com os alunos

## Questionário nº 1

- Entrevista realizada com professores do ciclo II, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Hélio Campos.

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Tempo de Magistério \_\_\_\_\_

3. Escola particular ( ) pública ( )

4. Função \_\_\_\_\_

5. Sexo feminino ( ) masculino ( )

6. Tempo de atuação com os ciclos? \_\_\_\_\_

7. Quais as dificuldades encontradas no processo da aprendizagem da leitura?  
Justifique.

---

---

8. Como os alunos respondem as metodologias aplicadas na leitura oral? Justifique.

---

---

9. Em que nível da leitura oral encontram-se seus alunos?

( ) excelente ( ) bom ( ) regular ( ) insuficiente

10. Qual o nível cultural dos pais? Justifique.

---

---

11. Que contribuições os pais vem trazendo na aprendizagem dos seus filhos?  
Justifique.

---

---

**12. Em termos pedagógicos, como a escola tem trazido temas, material didático, planejamento, reuniões de pais nesta unidade escolar? Justifique.**

(    ) sempre                      (    ) às vezes                      (    ) nunca

---

---

**13. Você acha importante o envolvimento da família neste processo de letramento? Justifique.**

---

**14. O que mais lhe encanta neste processo de aprendizagem? Justifique.**

---

---

**15. O que fazer para se chegar a uma leitura crítica com os alunos?**

---

---



---

---

---

**12. Ao chegar em casa seu filho faz o quê? Justifique.**

---

---

---

**13. Como você classifica as tarefas do seu filho? Justifique.**

(  ) excelente      (  ) bom      (  ) regular      (  ) insuficiente

---

**14. Diga o que falta para seu filho ler bem?**

---

---

**15. O que espera da escola?**

---

---



**12. O que você gosta de ler?**

Revista ( )

Livros Infantis ( )

Jornais ( )

Outros: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**13. Você lê tudo que está ao seu alcance?**

---

---

**14. Sua professora conta histórias?**

( ) Sim

( ) Não

**15. Que tipo de história você gosta de ouvir? Justifique.**

---

---

**16. Quantas vezes você foi a biblioteca este ano?**

( ) 1 vez

( ) 3 vez

( ) 2 vez

( ) ou mais vez

**17. O que achou interessante? Justifique.**

---

---

---

---

**18. O que gostaria de aprender nas salas de leitura?**

---

---

---

---